

Lélia e Virgínia: produzindo diálogos entre as intérpretes das realidades raciais brasileiras

Lélia and Virgínia: producing dialogues between interpreters of Brazilian racial realities

Lélia y Virgínia: produciendo diálogos entre intérpretes de las realidades raciales brasileñas

Rafaela Rodrigues de Paula¹
ORCID: 0000-0003-1978-2199

Steffane Santos²
ORCID: 0000-0002-6457-7517

Resumo

O presente trabalho objetiva propor diálogos e confluências entre a antropóloga Lélia Gonzalez e a socióloga e psicanalista Virgínia Bicudo, as quais compuseram parte importante da construção do pensamento social brasileiro. A partir de uma revisão bibliográfica da vida e obras das intelectuais, buscamos apresentar a intersecção entre a trajetória de vida e o percurso acadêmico das intelectuais, ressaltando os encontros entre experiência e temática de pesquisa. Propomos um diálogo entre as contribuições das autoras nas dimensões das relações raciais brasileiras, propondo, assim, um encontro entre as autoras que vai além do epistemicídio perpassado em suas trajetórias. Por fim, produzimos uma carta direcionada às intelectuais, retomando as suas ausências e presenças na formação acadêmica das autoras do presente texto. Assim, tornou-se possível apresentar as descontinuidades presentes nos trabalhos que se propuseram a pensar a formação brasileira sem considerar o papel fundamental do segmento de pessoas negras nessa constituição, as quais tiveram um trabalho contra-hegemônico, desafiando as diretrizes dos modos de fazer Ciências Sociais no país.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez; Virgínia Bicudo; Pensamento social brasileiro.

Abstract

The present study aims to propose dialogues and confluences between anthropologist Lélia Gonzalez and sociologist and psychoanalyst Virgínia Bicudo, who played a significant role in shaping Brazilian social thought. Through a bibliographic review of their lives and works, we seek to highlight the intersection between their life trajectories and academic paths, emphasizing the interplay between lived experience and research themes. We propose a dialogue between the contributions of these authors within the dimensions of Brazilian racial relations, thus fostering an encounter that transcends the epistemicide embedded in their histories. Finally, we compose a letter addressed to

¹Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFGM), mestre em Antropologia Social pelo mesmo programa, graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) na mesma universidade. Possui interesse nas áreas de Gênero e Raça desenvolvendo pesquisa com esses marcadores nas trajetórias de trabalhadoras domésticas negras. E-mail: depaularafaelar@gmail.com.

²Mestranda em Antropologia Social (PPGAn-UFGM). Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM). Membro do Grupo de Pesquisa Gênero e Sexualidades (GESEX/UFGM). Constrói o Coletivo Retomadas Epistemológicas, coletivo anti epistemicídio que se articula objetivando a retomada de saberes contra hegemônicos. Possui interesse em estudos de gênero, raça, feminismo negro, hip-hop, interseccionalidade, produção epistêmica e patrimônio cultural. E-mail: steffanespereira@gmail.com.

these intellectuals, revisiting their absences and presences in the academic formation of the authors of this text. In doing so, it becomes possible to expose the discontinuities in works that have attempted to analyze Brazilian development without acknowledging the essential role of Black individuals in this process—individuals who engaged in counter-hegemonic work, challenging the established paradigms of conducting Social Sciences in the country.

Keywords: Lélia Gonzalez; Virgínia Bicudo; Brazilian social thought.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo proponer diálogos y confluencias entre la antropóloga Lélia Gonzalez y la socióloga y psicoanalista Virgínia Bicudo, quienes desempeñaron un papel importante en la construcción del pensamiento social brasileño. A partir de una revisión bibliográfica de la vida y obra de estas intelectuales, buscamos destacar la intersección entre sus trayectorias de vida y sus recorridos académicos, subrayando los encuentros entre experiencia vivida y temática de investigación. Proponemos un diálogo entre las contribuciones de las autoras en las dimensiones de las relaciones raciales en Brasil, promoviendo así un encuentro que trasciende el epistemicidio presente en sus trayectorias. Finalmente, elaboramos una carta dirigida a estas intelectuales, revisitando sus ausencias y presencias en la formación académica de las autoras de este texto. De este modo, fue posible evidenciar las discontinuidades presentes en los trabajos que se propusieron reflexionar sobre la formación brasileña sin reconocer el papel fundamental del segmento de personas negras en esta construcción, quienes llevaron a cabo un trabajo contra-hegemónico, desafiando las directrices establecidas para la producción de las Ciencias Sociales en el país.

Palavras clave: Lélia Gonzalez; Virgínia Bicudo; Pensamiento social brasileño.

Introdução

21 de maio de 1980

Queridas mulheres de cor, companheiras no escrever. [...] Minhas queridas hermanas, os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder — nunca tivemos nenhum privilégio. Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira. Não podemos transcender os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance. [...] Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? (Anzaldúa, 1981, p. 229-230).

O trecho acima é da carta escrita pela intelectual chicana Glória Anzaldúa (1981) e direcionada às mulheres escritoras do terceiro mundo, na busca por um gênero textual que produzisse intimidade e imediatez. A autora escreve uma carta a tais destinatárias desabafando e articulando sua trajetória de vida com o ato de escrever, os obstáculos e a preocupação com as

mulheres ditas de “cor”³ do terceiro mundo e os enfrentamentos internos e externos que se pode encontrar no ato de escrever, especialmente do reconhecimento como escritoras profissionais que combatem estereótipos racistas que são confortáveis para grupos dominantes na produção da escrita, e principalmente a posição que essas mulheres podem ocupar de monstros “perigosos” a ser combatidos, apagados e esquecidos.

A carta, que também é por vezes um aconselhamento e alerta, demonstra uma experiência e uma preocupação com a produção escrita de mulheres e suas vivências em tal campo. Esse tipo de alerta foi realizado, ao longo dos anos, por outras mulheres, como Zora Neale Hurston, uma antropóloga negra estadunidense que viveu entre os anos de 1891 a 1960 e, nos seus últimos anos de vida, endereçou uma carta ao intelectual negro William Edward Burghardt Du Bois (Boyd, 2004), relatando não apenas uma preocupação com autores negros e suas produções, mas também o possível apagamento de suas trajetórias após a morte. Isso inclusive se estende no alerta para a necessidade à época de rituais fúnebres dignos: “um cemitério destinado a personalidades negras, cuja missão seria salvá-las do esquecimento na posterioridade” (Basques, 2021, p. 47). Zora infelizmente foi uma dessas autoras que “sucumbiu à própria profecia” (Basques, 2021, p. 47), falecendo invisibilizada e, durante muitos anos, silenciada na história da Antropologia e da Literatura (Santos; De Paula, 2024).

Nessa direção, bell hooks⁴, no texto *Intelectuais Negras* (1995), levanta a necessidade de um debate sobre a invisibilização da produção intelectual negra, a partir do olhar das produções de mulheres negras intelectuais. A autora dirá que, ao falar de uma intelectualidade negra, o grande público sempre recorda nomes masculinos em produção, deixando de lado nomes de intelectuais negras, afirmando, então, que “a subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras” (hooks, 1995, p. 467).

Arelado a esse sexismo dentro da produção intelectual negra, temos um outro caminho que contribui para a inviabilização dessas mulheres negras intelectuais, que é o que Sueli Carneiro, na sua tese *A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser* (2005), conceitua como um processo do epistemicídio: o apagamento da produção de conhecimento que perpassa a produção dessas intelectuais por meio do rebaixamento e da deslegitimação do conhecimento produzido por elas, tendo como fruto o seu não reconhecimento como produtoras

³ Em Anzaldúa, o termo “mulheres de cor” não se refere somente a mulheres negras como também a mulheres mestiças e chicanas, contexto em que a própria autora está inserida.

⁴ O nome da autora é escrito em letras minúsculas, uma vez que, em vida, solicitou a escrita dessa forma, alertando que com isso a produção e escritos dela deveriam ganhar mais destaque que seu nome (hooks, 2019).

de conhecimento. Esse processo, por fim, acaba por posicionar pensadoras negras em uma situação de inferiorização intelectual.

A profecia de Zora Neale Hurston, que acompanha a reflexão de outras intelectuais negras, nada tem de “autorrealizadora” à la Robert K. Merton (1949), visto que é verdadeira e se cumpre perpassando as experiências de intelectuais negras, e continua em um processo de realização na produção das Ciências Sociais. Tendo tudo isso em vista, o presente trabalho visa a adentrar a trajetória e produção de duas intelectuais negras, Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo, com o objetivo de discutir a invisibilização dos seus estudos no campo acadêmico no Brasil, especialmente em Antropologia, Sociologia e Psicologia. Com isso, acreditamos ser possível mobilizar a grandiosidade teórica dessas autoras para tais áreas do conhecimento, além de explorar as intersecções entre os pensamentos das autoras como intérpretes das realidades raciais brasileiras.

Lélia Gonzalez e Virgínia Leone Bicudo compreendem-se enquanto duas intelectuais negras que foram cruciais para a inserção da categoria de raça na construção do pensamento social brasileiro. As Ciências Sociais brasileiras foram alicerçadas em uma perspectiva que não englobava raça como aspecto central para as análises na teoria social. Tendo a falácia da democracia racial em seu cerne, as Ciências Sociais passaram a ser continuamente influenciadas por pensamentos como os de Gilberto Freyre⁵. Bicudo e Gonzalez foram intelectuais que romperam com esses modos de fazer epistemológico dentro das Ciências Sociais. No entanto, o trabalho bem articulado não se isentou do silenciamento perpetrado sobre corpos negros.

Lélia Gonzalez faleceu no dia 10 de julho de 1994, deixando uma extensa produção de textos e contribuições para os estudos de raça e gênero no país, entre eles o clássico *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* (1984). A partir da leitura da obra, poderemos analisar como o racismo e o sexismo no Brasil perpassaram a vida da antropóloga e seus estudos, os quais se tornaram um objeto de muitos pesquisadores no trabalho de resgate e mobilização dessa extensa produção e trajetória de vida de Gonzalez. Virgínia Bicudo faleceu no dia 26 de setembro de 2003. Em seus estudos, Bicudo buscou respostas para incômodos pessoais e avançou nos estudos de relações raciais no Brasil, deixando uma grande produção intelectual, que trouxe contribuições para áreas como Sociologia e Psicologia, entre outras.

Nesse sentido, o presente ensaio está organizado em três seções. A primeira aborda a trajetória de vida e a produção acadêmica de Lélia Gonzalez e Virgínia Leone Bicudo, valendo-

⁵ Há uma extensa discussão no cerne das Ciências Sociais que tensiona o mito da democracia. Lélia Gonzalez, autora em diálogo no texto em tela, traz contribuições nessa direção, vide os trabalhos da autora: *A mulher negra como objeto no Brasil: contexto ideológico* (1979); *A mulher negra como objeto no Brasil: contexto ideológico* (1973) e *O apoio brasileiro à causa da Namíbia: Dificuldades e possibilidades* (1983).

se de entrevistas concedidas por ambas. Destacam-se, entre elas, a entrevista de Gonzalez ao tabloide *O Pasquim* em 1986 e a de Bicudo, realizada em 1995 e publicada apenas em 2010 pelo sociólogo Marcos Chor Maio na revista *Cadernos Pagu*, buscando demonstrar as possíveis correlações “entre a experiência de vida, a experiência profissional e a escolha do tema de pesquisa” (Figueiredo, 2020, p.10) das autoras. Na segunda seção, o presente trabalho propõe um diálogo das contribuições das autoras nas dimensões das relações raciais: a centralidade dos sujeitos de pesquisa; o debate interseccional⁶, tensionando raça, classe e gênero; os indícios de reflexões sobre as experiências das mulheres negras brasileiras no trabalho; e reflexões sobre os impactos das dimensões da inferioridade e da ideologia do branqueamento no Brasil na realidade da população negra, propondo, assim, um encontro dessas autoras que vá além do epistemicídio perpassados em suas trajetórias. Na terceira e última seção, como um texto produzido por duas autoras negras inseridas na pós-graduação brasileira na área das Ciências Sociais, especificamente na Antropologia, buscamos retomar as ausências de tais mulheres em nossa recente formação no ensino superior (2018-2022), bem como seu “surgimento” e suas produções através de estudantes e coletivos negros.

Lélia Gonzalez

Olhar para parte da história e vida de Lélia Gonzalez serviu como ponto de partida, no presente texto, para construir uma reflexão sobre racismo e sexismo, abordados pela autora no seu clássico texto *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* (1984) e apresentado no evento da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), permitindo uma análise da situação da mulher negra brasileira e também da vida da autora.⁷

Em 1º de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, nasceu Lélia de Almeida, uma menina negra, irmã mais nova de dezessete filhos, frutos do casamento de um ferroviário e uma empregada doméstica. Lélia de Almeida passou a assumir o sobrenome Gonzalez apenas após seu primeiro casamento com Luiz Carlos Gonzalez no ano de 1964. De uma família de classe baixa, aos sete anos Lélia mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, e um dos seus irmãos mais velhos, Jaime de Almeida, foi contratado como jogador de futebol pelo time do Flamengo. Lélia, enquanto um corpo negro feminino de família de classe baixa, é diretamente perpassada pelo que ela mesma chamou de uma “tríplice discriminação”, isto é, o

⁶ As autoras em diálogo Lélia Gonzalez e Virginia Bicudo apresentam imbricações entre marcadores sociais, em suas obras, que se aproximam da abordagem do denominado paradigma da interseccionalidade, cunhado posteriormente à época de escrita das autoras em questão.

⁷ RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Uma cronologia de Lélia Gonzalez. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. *Por um feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 371-374.

preconceito de raça, sexo e classe, uma vez que suas vivências estão intrinsecamente ligadas por esses três marcadores sociais.

Gonzalez dirá que “para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (Gonzalez, 2020, p.76). Em uma entrevista dada ao jornal *O Pasquim* em 1986, podemos perceber as primeiras manifestações da articulação do racismo e do sexismo desde cedo nas experiências de mulheres negras. Conta Lélia Gonzalez:

Quando criança, eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que a criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse pra casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso e então o pessoal terminou me trazendo de volta pra casa. Já em Belo Horizonte houve uma coisa que muito me marcou. Minha mãe trabalhou como ama de leite de uma família italiana onde a mãe de uma criança tinha morrido no parto, e essa família tinha uma menina que havia nascido na mesma época que eu. Nós fizemos amizade, e quando ela foi para o colégio os pais dessa minha amiguinha se ofereceram pra pagar a escola pra mim. Eu era muito aplicada nos estudos, e sempre era convidada pelas minhas amigas para estudar na casa delas; isso me fez muito independente da família; eu mesma me inscrevi na escola, fui à luta (Gonzalez, 2020, p. 321).

Esse breve relato que a autora faz da sua infância alerta sobre os lugares impostos às meninas e mulheres negras, bem como as imagens atribuídas a elas na sociedade brasileira. A construção da imagem das mulheres negras está diretamente ligada à experiência que Grada Kilomba (2019) denomina como “racismo genderizado”, uma vez que “construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo” (Kilomba, 2019, p. 94).

Segundo Lélia Gonzalez (2020), no Brasil as imagens perpassam as noções de “mulata”, doméstica e mãe preta, sendo papéis que, atribuídos às mulheres negras em situação de escravidão, foram atualizados ao longo dos anos, carregando em si as características das relações coloniais. Isso, segundo Gonzalez (2020), está atrelado ao mito da democracia racial no Brasil, construindo um discurso ideológico sobre o lugar e o papel das mulheres negras, que ainda são mobilizados com a função de domesticação (Gonzalez, 2020) e controle (Collins, 2019) desses corpos.

Sua mãe era uma empregada doméstica, e Lélia é enxergada pelo diretor do time de futebol também como uma empregada doméstica. A produção desse tipo de discurso sobre os corpos femininos negros proporcionou a mobilização dessas imagens/noções sobre esses corpos a partir do que se esperava e se construía sobre o papel de mulheres negras no país. Segundo a Gonzalez (2020), no carnaval, em que é celebrado o mito da democracia racial, a imagem da “mulata” é colocada em destaque e exaltada, o que, em contraposição a esse mesmo corpo, no restante do ano, é ocultado na figura da doméstica, demonstrando que “os termos “mulata” e

“doméstica” são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (Gonzalez, 2020, p.80).

Importante destacar também que, tanto nessa exaltação quanto no ocultamento, o corpo feminino negro é visto como objeto, ora como objeto sexual e de desejo, ora como um mecanismo de exploração do trabalho. Nas palavras da autora:

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa (Gonzalez, 2020, p. 42).

Em outro quadrante, uma vertente dos estudos vastos de Gonzalez é também a psicanálise e seus usos, especialmente a partir da linguagem, como na ressignificação de palavras na criação do neologismo “América Ladina” (Gonzalez, 1988), além das discussões acerca dos silenciamentos e usos de categorias lacanianas para aproximações analíticas em seus trabalhos (Ratts, 2022).

Ler e entender Lélia Gonzalez, a partir da compreensão dessas experiências que a atravessam por ser um corpo negro feminino oriundo da classe baixa, é o ponta-pé inicial para perceber como a autora, ao olhar para sua realidade e de corpos semelhantes aos seus, formulou produções clássicas que contribuíram não só para o estudo de gênero e raça no Brasil, mas também para a recepção dessas produções na academia. Esse esforço tem nos ajudado, também, a pensar como seria a mobilização dessas imagens das mulheres negras presentes no discurso brasileiro dentro da produção de conhecimento.

E Lélia Gonzalez, antropóloga, “cumé que fica?”

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente para uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. [...] E a gente foi se sentar lá na mesa. Só que tava tão cheia que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles (Gonzalez, 1983, p. 75).

É com esse trecho acima que Lélia Gonzalez abre seu clássico texto *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* (1984), uma narração que conta o episódio no qual se convida pessoas negras para uma festa solicitando que falem sobre elas, mas sem proporcionar um espaço direto na mesa para essas pessoas se sentarem. Esse parece ter sido, por muito tempo, o “lugar” ocupado por Lélia Gonzalez dentro da produção do conhecimento no mundo acadêmico.

Estudando nas escolas próximas ao seu trabalho e muitas vezes em escolas que os empregadores da sua mãe disponibiliza, em 1954, Lélia concluiu o ensino científico no Colégio Pedro II. Em 1958, tornou-se bacharel em História e Geografia pela Universidade Nacional da

Guanabara, atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), depois se formou em filosofia na mesma universidade. Com uma alta produção acadêmica nos anos 1980, Gonzalez, em 1982, publicou o livro *Lugar do Negro* em parceria com o sociólogo argentino Carlos Hasenbalg. Em 1983, a apresentação do seu clássico *Racismo e Sexismo na cultura Brasileira* e outros textos mais conhecidos como, por exemplo, *Por uma feminismo afro-latino-americano* em 1988. Em 1987, Gonzalez tornou-se professora no Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, e publicou o livro *Festas Populares no Brasil* (1987)⁸. A intelectual ainda compôs o Instituto de Pesquisas de Culturas Negras (IPCN) (Rios, 2019).

A trajetória de Lélia Gonzalez esteve por muito tempo apagada dentro das universidades brasileiras, mesmo com alta produção em vida. Ainda hoje exige-se de pesquisadores uma alta pesquisa de recuperação de tudo que a autora produziu, mas que foi apagado. Sueli Carneiro (2005) explica que um dos processos que levam ao epistemicídio é criação da ideia do outro como não produtor do conhecimento ou produtor de um conhecimento que não é válido. bell hooks (1995) compreende que esse processo de apagamento se dá inclusive pelo uso e pelas atribuições de imagens de mulheres negras como não intelectuais, servindo apenas para ocupar espaços de subalternidade e não o do conhecimento.

Em sua dissertação de mestrado, Elizabeth do Espírito Santo Viana (2006) explica como a atuação política de Gonzalez, por meio das candidaturas pelo Partido dos Trabalhadores em 1978 e depois pelo Partido Democrático Trabalhista em 1986, foi compreendida por muitos como abandono da autora de sua vida acadêmica, enquanto Gonzalez, na verdade, se mostrava uma intelectual que produzia conhecimento e que transformava isso numa atuação política. Em analogia com a narração citada anteriormente, é como se Gonzalez tivesse sido convidada para “a festa” da produção do conhecimento devido a sua inserção nas universidades, inclusive como professora, mas não tivesse um espaço direto para “se sentar” à mesa, produzir e divulgar conhecimento, tendo como resultado o longo apagamento da autora nas universidades.

Tal epistemicídio do pensamento de Gonzalez pode ser pensado a partir do que a autora entende como a “neurose cultural brasileira”, conforme supracitado, de modo que o “neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios” (Gonzalez, 2020, p. 84). Dessa forma, o não reconhecimento de muitos pesquisadores e o apagamento da produção intelectual Lélia Gonzalez refletem um processo intencional de evitar debates sobre o que constitui conhecimento válido nos espaços acadêmicos. Além disso, também se evita a confrontação dos incômodos que os escritos de Gonzalez podem gerar, o que serve de

⁸ Reeditado e publicado pela editora Boitempo em 2024.

manutenção da zona de conforto que perpetua privilégios e benefícios para determinados grupos nos espaços de produção de conhecimento.

Virgínia Bicudo

Virgínia Leone Bicudo nasceu em São Paulo, no dia 21 de novembro de 1910. Mulher negra, ela e mais cinco irmãos são fruto do casamento de uma imigrante italiana e um homem negro, o qual, entendendo a educação como essencial, fez que todos os filhos estudassem, como Virgínia mesmo expôs em entrevista a Maio (2010, p. 336): “Para meu pai todo mundo tinha que ser alfabetizado. E todo mundo foi para escola. Ninguém foi trabalhar. Meu pai escolheu o que havia de melhor”. Bicudo terminou o curso secundário na Escola Normal em 1930 e atuou como professora e ingressa no Curso de Educadores Sanitários do Instituto de Higiene de São Paulo⁹. Em 1936, ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), onde a autora teve o primeiro contato com a psicanálise.

Concluindo seus estudos em 1945, Virgínia Bicudo apresentou a sua dissertação *Atitudes raciais de pretos e mulatos* em São Paulo, na qual buscou, por meio de entrevistas, descrever as atitudes de pretos e mulatos quando se deparavam com as questões raciais, dividindo-os por duas classificações raciais (pretos e mulatos) e pela classe social. Encontramos, assim, um vasto trabalho que deixa muitas contribuições para os estudos raciais no Brasil e os campos da Sociologia, Antropologia e Psicologia.

Essas informações talvez sejam as mais comuns nas apresentações acadêmicas, e, como realizado com a trajetória de Lélia, desejamos também trazer elementos da vida de Virgínia que contribuam para pensar a realidade dessas autoras que passaram a pensar o Brasil, demonstrando que suas trajetórias de vida e familiares também representam um “grande Brasil”. Nessa perspectiva, a socióloga Gabriela Silva (2021) discute, em seu trabalho de conclusão de curso de graduação dedicado a pensar a trajetória e contribuições de Virgínia Bicudo: “a história de Virgínia e sua família se cruza com o período pós-abolicionista, a migração europeia para o Brasil e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, com aspectos muito peculiares e interessantes para analisar o período do início do século XX” (Silva, 2021, p. 17). Além de filha desse casal interracial, Virgínia é neta de Virgínia Júlio, sua avó paterna, uma mulher negra e ex-escravizada, que viveu na Fazenda Matto Dentro do Jaguari, em Campinas, São Paulo (Silva, 2021, p.17). A pesquisadora explica, também, a origem do sobrenome “Bicudo”:

⁹ MAIO, Marcos Chor. Introdução: A contribuição de Virgínia Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: BICUDO, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Sociologia e Política, 2010, p. 23-62.

Teófilo Bicudo - pai de Virgínia - nasceu em 1888, na mesma Fazenda em que sua mãe trabalhava. Como tornou-se órfão muito cedo, foi criado pelos donos das terras em troca de trabalho. A Fazenda era administrada por Bento Augusto de Almeida Bicudo, coronel e chefe da família, herdou a propriedade já estabelecida há anos, e sua atuação na política e conexões no jornalismo possibilitaram que circulasse pela elite do interior de São Paulo. Como suposto afilhado de Bento Bicudo, Teófilo recebe o sobrenome do fazendeiro, deixando para trás qualquer menção ao sobrenome de sua mãe (Silva, 2021, p. 18).

O vínculo criado com essa família e o pai de Virgínia baseia-se na possibilidade de relações de compadrio, que representam a famosa construção de parentesco “à brasileira”, que é intensificada pela laço ritual (religioso) como o batismo, principalmente entre famílias abastadas e famílias não abastadas, conhecida no Brasil à época, como articula o antropólogo Vinicius Venâncio (2022, p. 10): “o compadrio era uma forma de as famílias pobres garantirem proteção de um grande senhor de terras, assim como emprego, e por parte dos poderosos este atuava como um arregimentador de gente”. É nesse contexto, que também demarca relações de trabalho, que os pais de Virgínia se conhecem, e também “foi através das conexões e relações que Teófilo construiu com Bento Bicudo que sua vida mudou de rumo, abrindo novas possibilidades para que Virgínia e seus irmãos tivessem, de certa forma, um caminho distinto do que se esperava para os negros no início do século XX” (Silva, 2021, p. 19). Dirá Virgínia em entrevista a Maio:

Sou filha de Teófilo Júlio Bicudo e Joana Leone Bicudo. Meu pai nasceu em Campinas e ele tinha muito orgulho de ser campineiro. Ele foi criado em casa dos que tinham sido patrões dele. De modo que era muito querido nessa família, dentro da qual ele nasceu. Minha mãe trabalhava também nessa casa. Isso tudo no interior de São Paulo. Eles que me contaram essas coisas [risos]. O que eu sei é que meus avós maternos vieram da Itália. Minha mãe teria 10 anos quando aqui chegaram, e foram então para o interior do estado de São Paulo. Acho que cuidavam de café, não era? Deve ser isso. Sabe, eu nunca pensei como estou pensando agora, primeira vez [risos]. Eu nunca reconstituí, agora eu estou construindo o que ouvi dos meus pais. Eu nunca pus ordem, agora que estou imaginando, assim. Acho que iam lavrar a terra, cultivar. Então eu sei que os imigrantes e meus pais foram para o interior de São Paulo. Meus pais se casaram em 1905.

Marcos: Eles trabalhavam na mesma casa?

Virgínia: Acho que era trabalho de empregado doméstico.

Marcos: E quando ele veio para São Paulo, trabalhou em quê? Virgínia: Veio casado. Aí já tinha vida independente, era funcionário do Estado. Marcos: Ele se tornou funcionário do Estado? Virgínia: A própria família para quem ele trabalhou conseguiu colocá-lo no Estado. No Estado, ele trabalhava na Agência Postal. Então ele era agente postal, trabalhava lá dentro (Virgínia Bicudo *apud* Maio, 2010, p. 332-333).

É interessante pensar como essas famílias brancas, em relações que podem envolver muitas coisas, mas principalmente relações de trabalho, do pai de Virgínia, da mãe e irmão de Lélia, surgem nas trajetórias dessas autoras como vias de acesso à educação e à formação

educacional. Como articula Patrícia Hill Collins (2019) pensando a realidade de trabalhadores domésticas com famílias brancas, trabalhar para esses grupos e estar entre os detalhes íntimos da vida dos patrões brancos pode oferecer aos trabalhadores “uma visão de dentro e as/os expõem a ideias e recursos que podem ajudar seus filhos a ascender socialmente” (Collins, 2019, p. 308), e, entre essas ideias, destaca-se a educação.

A nível de questões e relações raciais, nesta mesma entrevista a Maio (2010), Virgínia (1945) fala sobre o que é, em parte, refletido em seu trabalho sobre o processo de ascensão social, embora com poucas influências de seu pai, mas que fazia com que ela e seus irmãos convivessem, em sua maioria, com pessoas brancas:

Era um bairro de brancos. É, eu acho que preto não tinha lá. Acho que tinha só nós. Geralmente era assim, a gente nunca esteve no meio de pretos. (...) Onde eu nasci só meu pai era preto, ninguém mais. Eu nunca tive convívio com pretos ou negros (Virgínia *apud* Maio, 2010, p. 337).

Virgínia complementa, ao falar sobre como a ascensão do pai e da família era marcada pelas questões de discriminação racial, que ela própria vivenciou na infância, e especificamente ao relatar a história de seu pai:

Virgínia: Olha, vou contar uma coisa tristíssima da história dele. Ele queria fazer universidade. Na época era Curso Superior. E ele queria ir para Medicina. Então estava no sexto ano do ginásio. Veja que homem esforçado, hein? Veio de empregado doméstico que ele era, depois foi subindo e fez o Ginásio do Estado. E quando terminou o Ginásio do Estado naquele ano, ele passava direto para Faculdade de Medicina. Naquele tempo não havia vestibular para Medicina. Terminava o ginásio e entrava na Medicina ou em qualquer curso superior. Então, o professor que chamava Barros ou Barrinhos, do ginásio do último ano, quando viu que meu pai ia para Faculdade de Medicina, reprovou. Porque ele disse que negro não podia ser médico. Então, meu pai durante 10 anos ficou fazendo o sexto ano para passar e entrar na Medicina. E esse professor que eu não esqueço o nome... Parece que é castigo, Barros, da Física, reprovava.

Marcos: Durante 10 anos?

Virgínia: 10 anos. Meu pai insistiu que queria ir pra Medicina e não conseguiu porque esse homem barrava [...] Aí meu pai desistiu, já tinha a filharada toda. Então ele foi barrado por preconceito. Puro preconceito. Eu quando criança via tudo isso. Eu já existia quando meu pai ficou nessa luta. Eu já ouvia as brigas todas, as decepções que não podia entrar, mas ele tinha que ir. Tudo isso eu vi, acompanhei como criança (Virgínia Bicudo *Apud* Maio, 2010, p. 334-335).

A dissertação de Bicudo, que envolveu entrevistas com mais de trinta pessoas, entre essas ex-militantes da Frente Negra Brasileira (FNB), dedicou-se justamente a tensionar o que posteriormente iríamos nomear de “uma interseccionalidade da experiência de raça e classe social”, considerando experiências como as do seu pai, quem vivenciou uma ascensão social,

em grande parte, devido aos estudos e conquistas de diplomas, mas ainda sendo atravessado pelas experiências de um preconceito racial. Nas palavras de Bicudo, seu pai:

Empenha-se, então, em conseguir status ocupacional das classes sociais intermediárias, conquistando diploma de cursos secundário e superior ou habilidades profissionais. Mas, apesar do esforço para valorizar o capital humano pela instrução, o preto continua sentindo-se rejeitado em certas esferas sociais, rejeição que o traumatiza [...] (Bicudo, 2010, p. 158).

Ressaltamos as conexões de trajetória de vida e acadêmica entre Lélia e Virgínia e suas singulares realidades não somente para dizer que pesquisaram temas que verssem sobre temáticas raciais, única e exclusivamente por serem parte da trajetória de vida delas – pois obviamente há um mérito acadêmico e científico em suas pesquisas e trajetórias como intelectuais –, mas sobretudo para ressaltar como, a partir de suas realidades e saberes localizados (Haraway, 1995), as autoras conseguiram pesquisar e teorizar temáticas que refletissem a realidade brasileira e o pensamento social brasileiro diante de um ponto de vista enegrecido. Isso também é observado por Marcos Chor Maio, na introdução da republicação do trabalho de Bicudo em 2010: “A vivência do racismo pela menina da Vila Economizadora transformou a experiência social e individual do preconceito de cor em reflexão intelectual, nomeando-a “questão racial” (Maio, 2010, p. 32).

Lélia e Virgínia: o encontro

Lélia Gonzalez viveu cinquenta e nove anos (1935-1994), mais jovem que Virgínia Bicudo (1910-2003), mas a última viveu cerca de 34 anos a mais que Lélia, falecendo em 2003 com noventa e três anos. É interessante pensar que as duas intelectuais viveram por alguns anos nos mesmos anos, mas não há registro de encontro delas, o que talvez seja explicado por estarem, na maioria do tempo de suas vidas, em capitais brasileiras diferentes, Lélia no Rio de Janeiro e Virgínia em São Paulo. Mas, no presente trabalho, muitos anos depois do falecimento das autoras, queremos propor um encontro entre elas.



Figura 1 – Colagem autoral das imagens de Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo. 2024.

Este texto não é o primeiro a propor esse encontro, e seria bastante presunçoso pensar que os leitores dessas autoras ainda não tivessem considerado essa possibilidade antes. Algumas pesquisas como a de Landerson Lemos Santana De Araújo (2020) e Aline Mendonça Fraga (2022) propõem não somente o encontro de Gonzalez e Bicudo, como Araújo (2020) propõe uma encruzilhada dessas intelectuais juntamente com Neusa Santos Sousa, psicanalista negra baiana autora do clássico *“Tornar-se negro” - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* (1983). Evidentemente a primeira conexão realizada entre essas autoras é o violento processo de apagamento e epistemicídio que atravessa as trajetórias das duas intelectuais, nas mais diferentes áreas das ciências humanas e da saúde, destacando como os pioneirismos das autoras, dentro de suas áreas de pesquisa, simplesmente foram apagados e silenciados na história, como articula Araújo (2020) sobre Bicudo:

Na psicanálise não foi diferente. Integrante do grupo que fundou a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise - SBPSP e do grupo de tradução permanente das primeiras edições 32 das Obras Completas de Sigmund Freud (Imago) - seu nome encontra impresso nos livros - Bicudo nunca foi devidamente situada como representante dos primórdios da psicanálise no Brasil Ocupando o cargo de tesoureira durante anos na SBP (Maio, 2010), Virginia parece ter sido invisibilizada ao lado de Durval Marcondes, o qual recebe todos os créditos pela institucionalização da psicanálise no país (Araújo, 2020, p. 31-32).

Compreendemos a importância de ressaltar o debate do epistemicídio (Carneiro, 2005; 2023) promovido por essas autoras. Nós, duas pesquisadoras negras que iniciamos a graduação no ano de 2018, no curso de Ciências Sociais na região Sudeste do país, demoramos muito para conhecê-las, e o acesso aos seus textos dentro do currículo do curso demorou mais ainda. Tal inserção tardia foi feita depois de muitas cobranças e lutas dos coletivos negros e foi realizada de maneira irrisória, quando comparada à enorme produção dessas autoras e seus esforços em vida em pluralizar suas produções, seja Lélia no ativismo político militante, seja Virginia na rádio (Fraga, 2022). Mas, queremos acrescentar ao debate desse encontro a intersecção das autoras em reflexões de temáticas raciais, especialmente perpassando questões como a centralidade dos sujeitos de pesquisa; o debate interseccional, tensionando raça, classe e gênero; os indícios de reflexões sobre as experiências das mulheres negras brasileiras no trabalho; e reflexões sobre os impactos das dimensões da inferioridade e da ideologia do branqueamento no Brasil na realidade da população negra.

Ao abordar as relações raciais com centralidade nos sujeitos negros, tanto Virginia quanto Lélia demonstram uma postura responsável em seus escritos e discussões teóricas. No caso de Virgínia, a pesquisa analisada neste trabalho evidencia a construção cuidadosa de

relações com os/as entrevistados/as. Já em Lélia observamos uma produção analítica e teórica que se dedica e se fundamenta na empiria das realidades da população negra, contrapondo-se, à época, aos discursos predominantes sobre a suposta democracia racial no Brasil. Ambas as pesquisadoras apresentam uma aproximação com a psicanálise¹⁰, o que reforça a profundidade de suas reflexões. Em seus trabalhos, os sujeitos de pesquisa não são tratados como meros objetos, mas como figuras centrais de suas análises. Essa abordagem busca estar o mais próxima possível das realidades vivenciadas e demonstra, acima de tudo, um compromisso ético com os sujeitos e com as temáticas abordadas.

Outro encontro teórico entre as autoras está no fato de ressaltarem o que posteriormente seria nomeado como interseccionalidade (Crenshaw, 2002), a partir das divisões e classificações estabelecidas por Bicudo em seu trabalho (1945), tensionando as junções entre raça e classe ao subdividir os grupos de entrevistados pesquisados como: “Casos de pretos da classe social “inferior”; Casos de pretos das classes sociais intermediárias; Casos de mulatos da classe social “inferior”, Casos de mulatos das classes intermediárias” (Bicudo, 2010, p. 61). Lélia Gonzalez demonstra e nomeia o que seria a “tríplice discriminação (social, racial e sexual)” (Gonzalez, 2010, p. 217) que perpassa as vivências das mulheres negras, o que nos encaminha a outro ponto de encontro das autoras, que é a dimensão do debate da situação das mulheres negras, especialmente aquelas que estão realizando trabalhos domésticos remunerados.

Nos escritos e entrevistas de Lélia Gonzalez, é muito nítido o recorte de gênero que a autora faz ao analisar a realidade da população negra brasileira, especialmente quando estamos falando de raça e gênero no Brasil. A relação das mulheres negras com o trabalho doméstico destaca-se desde os seus primórdios, obviamente perpassado por heranças colonialistas escravistas, que se dedicam a perpetuar tais mulheres nesses espaços de subalternidade e que destinam cuidado a outros, sendo esse um trabalho que permanece racializado e generizado ao longo do tempo.

Ainda que Bicudo não faça declaradamente uma menção à dimensão do gênero em seu trabalho, a autora delimita dos casos relatados sempre o gênero e o trabalho dos/as entrevistados/as, de modo que, dos trinta casos apresentados por Bicudo, dez são de mulheres classificadas à época como “pretas, pardas ou mulatas”, as quais se concentram, em sua maioria, na categoria dividida pela autora como “Casos de pretos de classe social inferior” (Bicudo, 2010) e com profissões declaradas como “cozinheira, atividades de limpeza e empregada doméstica”. Ao analisar especialmente tal grupo, Bicudo (2010) formula: “as atitudes do preto da classe

¹⁰ Há muitos diálogos que podem ser traçados a partir da psicanálise na obra das duas autoras que não será abordada no presente.

social “inferior” para o preto e para o branco estariam baseadas em sentimento de inferioridade” (Bicudo, 2010, p. 72), sinalizando o sentimento de inferioridade que perpassa as relações raciais entre essas mulheres negras e as pessoas brancas.

A figura da empregada doméstica, posteriormente descrita e analisada de forma mais contundente por Lélia Gonzalez, irá tensionar as relações raciais e de trabalho presente nas realidades das mulheres negras que são maioria nessa função no Brasil. Temáticas que posteriormente serão tratadas em estudos da temática do trabalho doméstico, tensionando essas dimensões raciais e gênero que precisam ser consideradas nas relações do trabalho doméstico, destacando dentro dessas relações de trabalho, o que já aparecia na produção de Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez que é o sentimento de inferioridade.

A contribuição de Virgínia Bicudo, em suas conclusões em relação ao sentimento de inferioridade por ela percebido nos relatos dos seus interlocutores, manifesta um sentimento que se dá a partir da relação desses corpos negros em relação ao mundo branco como:

sentimento de inferioridade ligado à consciência de cor, [de modo que] a inteligência individual e o incentivo proveniente do contato primário com brancos parecem produzir atitudes que influenciam a ascensão social do preto (Bicudo, 2010, p. 98).

Reflexões como essa também aparecem em Lélia Gonzalez ao explicar o que se entende por “ideologia do branqueamento”. Segundo Gonzalez, essa noção se constitui como “pano de fundo dos discursos que exaltam o processo da miscigenação como expressão mais acabada de nossa democracia racial” (Gonzalez, 2020, p. 33). A autora ainda complementa que, mesmo que o branqueamento da população brasileira tenha se efetivado em números demográficos, a ideia da necessidade desse branqueamento se permanece enquanto discurso no país, o que vemos, por exemplo, nos relatos dos interlocutores do trabalho de Virgínia Bicudo (2010), ao apontar: “Desejaria ser branca, mas que fazer...” (Caso nº 04 - Justina *apud* Bicudo, 2010, p. 69). Essas acepções se assemelham às discussões de Frantz Fanon (2008), na obra *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), na qual o autor localiza o papel crucial da colonização na imposição e na criação do sentimento de inferioridade em corpos negros. Isso também é trabalhado pela psicanalista e intelectual negra Neusa Santos Souza (1983), que explica o olhar do negro diante da vivência num mundo branco como “[...] um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas (Souza, 1983, p. 17).

A experiência do corpo negro em um mundo branco, que lhe impõe um lugar inferiorizado, é também observada por Bicudo (2010) em seus relatos. A autora analisa os processos vivenciados por seus interlocutores diante das tentativas malsucedidas de assimilação como forma

de sobrevivência nesse contexto, seja por meio de relações interracialis ou de outras questões estéticas. Contudo, essas estratégias não conseguem retirar esses corpos do lugar de inferioridade, da "Outroridade" (Kilomba, 2019), que lhes é imposto em um mundo onde o ideal é o branco.

Ainda há muito a ser pesquisado sobre as contribuições e trajetórias de vida das intelectuais negras Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez, assim como sobre o estabelecimento de um diálogo possível entre ambas. Esse aprofundamento permitirá que elas e seus escritos ocupem, de forma plena, o lugar de destaque como produtoras de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais, especialmente nos campos da Antropologia e da Sociologia. Os trabalhos de Lélia e Virgínia nos inspiram à continuidade e nos remetem às nossas origens, lembrando-nos de onde viemos e por que escolhemos trilhar essas reflexões.

Carta a Lélia e Virginia

A Lélia e Virginia,

Dedicamo-nos a escrever uma carta que vocês, infelizmente, não receberão. No entanto, ela permanecerá como registro de como nossas trajetórias, enquanto autoras negras nas Ciências Sociais, se entrelaçam às de nossas destinatárias e foco deste trabalho, Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo. Apesar das décadas que nos separam, não nos distanciamos das questões que atravessaram vocês e que ainda nos atravessam hoje. Certamente, continuamos carregando e recolhendo as pedras que ficaram dos caminhos que vocês abriram com tanta assertividade, cuidado e coragem.

Pedimos licença para nos apresentarmos. Eu, primeira autora, sou uma mulher negra, filha de uma trabalhadora doméstica também negra, que estabeleceu uma maternidade coletiva sustentada por muitas políticas públicas. Sou, com orgulho, “filha das cotas” desde minha graduação.

De modo semelhante, eu, segunda autora deste texto, sou fruto das ações afirmativas tanto na graduação quanto na pós-graduação. Enquanto antropóloga negra, meu olhar é permeado por minha vivência como um corpo negro, feminino e periférico nesse mundo.

Há pontos de confluência entre as décadas que nos separam. Por isso, é importante contextualizar de onde falamos. Ambas concluímos a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais, mas em tempos muito diferentes daqueles em que vocês ingressaram no ensino superior. As ações afirmativas ampliaram a presença de estudantes negros/as nas universidades públicas. Contudo, esse avanço ainda é limitado por questões graves de permanência estudantil e pela presença quase inexistente de docentes negros/as nesses espaços.

Foi possível acessar a obra de vocês graças à articulação de estudantes negros/as durante a graduação em Ciências Sociais. Essas articulações, nas quais colaboramos, resgataram e fortaleceram o legado de seus trabalhos, vivências e anseios. Hoje, novos caminhos teóricos têm

sido traçados, mantendo-se vivos os princípios que vocês inauguraram. Estamos aqui, atentas, embora nem sempre firmes. Este espaço acadêmico, para nós, parece uma dança das cadeiras: sempre com o risco de perdermos nosso lugar e sermos obrigadas a sair da roda. Ainda assim, buscamos frestas para existir, mesmo quando parecem pequenas demais para acolher nossos corpos por inteiro.

Somos também frutos das coletividades que sustentaram e influenciaram a permanência de vocês na pesquisa. Esses esforços estão enraizados nos sonhos e vontades que agora habitam em nós. O desafio de ocupar um espaço hegemonicamente branco e em constante disputa, como o ambiente acadêmico, muitas vezes nos dá a sensação de estarmos sempre perdendo. No entanto, seguimos em busca de formas de reinventar nossas vozes, como vocês fizeram. Dia após dia, enfrentamos o processo quase truculento de nos lembrarmos quem somos, de inventar maneiras de nos autodefinir (Collins, 2019), e de escrever no espelho para reforçar essa lembrança cada vez que olhamos nossa própria imagem. Esse é um caminho de guerrilha.

Para além de falarmos em pretuguês, buscamos mobilizar um pensamento em pretuguês que, como vocês o fizeram, aponta saídas para esperar. O abraço às contribuições de Virgínia, já na década de 1940, e de Lélia, na década de 1980, — retomadas apenas 30 anos depois — marcou o início de uma nova forma de fazer Ciências Sociais no Brasil. Vocês nos ensinaram a compreender, de maneira sofisticada, o racismo brasileiro, como destaca Lélia (1988).

Este texto buscou traçar pontes entre os trabalhos de vocês, evidenciando as possibilidades e os usos comuns que suas trajetórias oferecem. Enquanto autoras do terceiro mundo e antropólogas negras oriundas das ações afirmativas, assumimos a responsabilidade de reescrever as Ciências Sociais a partir das contribuições que vocês nos deixaram. Nosso esforço é reestruturar vias epistemológicas e recalcular rotas para pensar o pensamento social brasileiro. Um pensamento que incorpore nossa existência enquanto sujeitos produtores de conhecimento, seguindo o legado que Lélia (1988) nos deixou: tomar a própria voz e decidir dizer em primeira pessoa. Não somos apenas sujeitos de nosso discurso, mas também da história que vocês reescreveram, uma história que continua a ser ampliada pelos novos capítulos que escrevemos com nossa própria existência.

Com esperança,
[Assinatura]

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- ARAÚJO, Landerson Lemos Santana de. *Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza e Lélia Gonzalez: numa encruzilhada. Vozes de uma psicanálise brasileira e descolonizada*. 2020. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
- BARBOSA, Karine Oliveira; FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Virgínia Leone Bicudo: contribuições aos estudos sobre relações raciais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 72, n. esp., p. 66-79, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672020000300006. Acesso em: 31 ago. 2021.
- BASQUES, Messias. Introdução à edição brasileira. In: HURSTON, Zora Neale. *Olualê Kossola: As palavras do último negro escravizado*. Rio de Janeiro: Record, 2021. p. 33-55.
- BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.
- BOYD, Valerie. *Wrapped in Rainbows: The life of Zora Neale Hurston*. Nova York: Scribner, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. *Do epistemicídio*. 2005. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. Mammies, matriarca e outras imagens de controle. In: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 135-178.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- FRAGA, Aline Mendonça. *Pensamento Social Brasileiro: contribuições de Virgínia Leone Bicudo e Lélia Gonzalez*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé/RS, 2022.
- FANON, Frantz. Sobre o pretenso complexo de dependência do colonizado. In: FANON, Frantz. *Pele Negras, Máscaras Brancas*. Salvador: Edufba, 2008. p. 83-103.
- FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). *Por um feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 25-44.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

SCHECHTER, Rosa. *Um percurso através de Virgínia Leone Bicudo: marcas, caminhos e memórias*. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SILVA, Gabriela da Costa. *Pioneirismo e Memória: uma sociobiografia da socióloga negra Virgínia Leone Bicudo*. Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VENÂNCIO, Vinícius. “Se eu não tivesse estudado, eu seria mais uma Madalena”: o parentesco como atualizador da falsa abolição brasileira. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/28088>. Acesso em: 3 abr. 2023.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Comparada) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Recebido em 19/07/2024
Aprovado em 21/10/2024
Publicado em 31/12/2024